ESTÁGIO CURRICULAR DAS LICENCIATURAS COMO ZONAS DE FRONTEIRAS: DESCRIÇÕES E INTERPRETAÇÕES

UNDERGRADUATE CURRICULUM TRAINEENSHIP AS BORDER ZONES: DESCRIPTIONS AND INTERPRETATIONS

PASANTIA DEL PLAN DE ESTUDIOS DE PREGRADO COMO ZONAS FRONTERIZAS: DESCRIPCIONES E INTERPRETACIONES

Felipe Costa Aguiar

Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: felipeaguiar@id.uff.br

Resumo:
Este escrito é um ensaio que objetiva explicitar o sentido geográfico das experiências dos Estágios Curriculares das Licenciaturas, entendendo-os como zonas de fronteiras. Nessas zonas, os estágios se desvelam como campo de disputa e construção de sentido para a formação de professores. Neles, os licenciandos transitam entre escola e universidade e, nessa travessia constante, se fazem transeuntes que atravessam os limites da docência e se esparramam entre as zonas de fronteiras. Portanto, as experiências dos estágios curriculares não se resumem às determinações legais impostas pelos órgãos legisladores ou documentos oficiais, mas se abrem para as inúmeras possibilidades que os encontros e desencontros das zonas de fronteiras promovem para os licenciandos que, tensionados pelos atravessamentos dos estágios, podem reconstruir todos os sentidos que carregam consigo.

Palavras-chave: Estágio Curricular da Licenciatura, Zonas de Fronteira, Formação de Professores.

Abstract:
This writing is an essay that aims to explain the geographical meaning of the supervised internship experiences, understanding them as frontier zones. In these areas, internships are revealed as a field of dispute and construction of meaning for teacher education. In them, undergraduates move between school and university and, in this constant crossing, passerby cross the boundaries of teaching and spread between border areas. Therefore, the experiences of curricular internships are not limited to the legal determinations imposed by lawmakers or official documents, but they open up to the countless possibilities that the encounters and disagreements in the border zones promote for undergraduates who, stressed by the crossing of internships, can rebuild all the senses they carry with them.

Keywords: Undergraduate Curriculum Traineeship, Border Zones, Teacher Training.

Resumen:
Este escrito es un ensayo que tiene como objetivo explicar el significado geográfico de las experiencias de prácticas supervisadas, entendiéndolas como zonas de frontera. En estos ámbitos, las prácticas se revelan como un campo de disputa y construcción de sentido para la formación del profesorado. En ellos, los estudiantes de pregrado se mueven entre la escuela y la universidad y, en este cruce constante, los transeúntes traspasan los límites de la docencia y se dispersan entre zonas fronterizas. Por tanto, las experiencias de pasantías curriculares no se limitan a las determinaciones legales impuestas por legisladores o documentos oficiales, sino que se abren a las innumerables posibilidades que los encuentros y desencuentros en las zonas fronterizas promueven para los estudiantes de pregrado que, acentuados por el cruce de pasantías, puede reconstruir todos los sentidos que llevan consigo.

Palabras-clave: Pasantías de Currículo de Pregrado, Zonas Fronterizas, Capacitación Docente.

Em direção às zonas de fronteiras

O Estágio Curricular das Licenciaturas (ECL) desde sempre se mostrou como um campo de disputa nos cursos de formação de professores. Neles, disputam-se desde o sentido atribuído aos estágios até a necessidade e relevância dessa experiência para a formação de professores e para a pesquisa em Educação.

Neste ensaio, objetivamos explicitar o sentido geográfico das experiências dos Estágios Curriculares das Licenciaturas. Para tanto, nos aliamos à pesquisa com os cotidianos (FERRAÇO, 2007; PAIS, 2003) de viés fenomenológico (FERNANDES, 2010) para pôr em relevo, por meio de descrições e interpretações das experiências das escolas, as geografias vividas pelos modos de se praticar os ECL's.

Na primeira seção, trouxemos a reboque considerações sobre os ECL's e o modo como são praticados nas escolas. Entre essas, constam as ponderações de Piconez (1991) sobre os estágios como condição teórico-prática da formação de professores, igualando os dois aspectos da formação inicial docente sem elencar um em detrimento de outro. Pontuschka (1991) nos enlevou no desafio de promover a valorização dos ECL's entre os licenciandos em Geografia, imbróglio que se faz presente até hoje nos cursos de licenciatura. No mesmo movimento, Kenski (1991) demonstrou experiências vividas com os estágios e evidenciou a potência formativa desse momento da formação dos professores.

Ainda na primeira seção, pontuamos as experiências dos estágios como condicionadas pelas legislações e documentos oficiais (FRIGÉRIO, 2018). Porém, nem as experiências prévias, nem as regulamentações legais são determinantes dos modos de se experienciar os estágios nas licenciaturas, certa vez que esses *espaçostempos* de formação são movidos pelas relações antagônicas e pelo contingenciamento dos sentidos hegemônicos atribuídos a eles (SANTOS, 2018).

Na segunda seção, partimos das descrições e interpretações que Valladares (2009; 2015a; 2015b) e Oliveira Junior (2017) teceram sobre os ECL's para enfatizar o seu sentido geográfico. Para os autores, as travessias cotidianas dos professores em formação desvelam o gesto de atravessamento que é feito durantes os estágios. Cada ida à escola ou à universidade se torna uma travessia e, nesse trânsito, os professores transeuntes se fazem sujeitos híbridos (BHABHA, 1989) que se formam nessas zonas de fronteiras, isto é, nos lugares de encontro e desencontro dos licenciandos e seus sentidos de escola, universidade, pesquisa, didática, ensino entre outros.

Dessa forma, o sentido geográfico dos estágios curriculares se desvela na própria experiência de ser estagiário e na lida cotidiana com as geografias vividas na escola que, na condição de estagiário, são vividas pelos atravessamentos. Esses, ao serem valorizados pelas formações de professores, fortificam a formação inicial dos licenciandos, e ao serem preteridos desperdiçam as possibilidades formativas promovidas pelos cotidianos escolares.

Ponderações sobre os Estágios Curriculares das Licenciaturas

Nos ECL's, de fato, os professores em formação começam sua história com a escola. Nesse momento da Licenciatura alguns estudantes decidem largar o curso devido às experiências traumáticas nos primeiros contatos com a escola, enquanto outros descobrem o seu amor pela profissão e concluem que é neste lugar que querem trabalhar. Se fossemos indicar a "crise existencial" dos licenciandos, com toda certeza seria essa.

Discussões sobre os ECL's têm sido intensamente realizadas desde o fim do século passado. As bibliografias disponíveis nos apontam para questões que vão desde o interesse ou a falta dele dos professores em formação inicial até a relevância dos estágios na formação dos professores e na pesquisa em Educação.

Nesse trabalho, não temos o objetivo de escrever uma estafante história sincrônica e homogênea dos ECL's nas licenciaturas. Investimos num movimento contrário a esse. Ao trazermos diferentes autores e textos de épocas distintas, enunciamos como a história é diacrônica, permitindo interpretações particulares dos mesmos fatos. Ao pôr diferentes textos e autores em diálogo, as quizilas dos ECL's são desveladas como questões de hoje, de ontem e de sempre, até porque, elas pertencem aos estágios e aos muitos modos de praticá-los nos cursos de formação de professores.

Entre as tantas querelas que permeiam os ECL's, a difícil decisão de defini-lo como teórico ou prático parece rodear os cursos de formação de professores há muito tempo. Piconez (1991), nessa empreitada, nos alertou:

> Temos assumido, com nossos alunos da Pedagogia, que a Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado é, na verdade, um componente teórico-prático, isto é, possui uma

> dimensão ideal, teórica, subjetivista, articulada com diferentes posturas educacionais, e uma dimensão real, material, social e prática, própria do contexto da escola brasileira (PICONEZ, 1991, p. 25).

Para a autora, valorizar os estágios é valorizar a formação dos professores, sendo ela mesma teórico-prática e, por isso, os ECL's devem ser vistos da mesma forma.

Os estágios, como momento de inserção dos professores em formação no espaço escolar, são de suma importância não só para as primeiras observações que os docentes farão da escola, mas também para a renovação do que se pensa ser o próprio ECL e para o desenvolvimento de pesquisas tanto na escola quanto na universidade:

> Com a prática de reflexão sobre a prática vivida e concebida teoricamente, são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permitem perceber os problemas que permeiam a atividades e a fragilidade da prática. A necessidade de construir coletivamente um projeto pedagógico para a Educação de Jovens e Adultos no campus, por exemplo, foi descoberta na própria atuação prática, dos alunos da Pedagogia com a ampliação do conhecimento sobre a clientela adulta, suas necessidades, interesses e concepções de escola, mundo trabalho, vida (PICONEZ, 1991, p. 27).

Ressaltando o dito por Piconez, Kenski (1991, p. 49) escreveu:

> Um outro momento, também, interessante e, por insuficiência de tempo, não-desenvolvido mais profundamente deu-se a partir das memórias do grupo sobre as atividades informais. Privilegiou-se nesse instante o recreio, e um dos aspectos levantados foi o da separação existente no passado entre as brincadeiras de meninos e meninas, inclusive o próprio espaço do pátio da

> escola. Considerou-se que frequentemente os meninos "invadiam" os espaços onde as meninas brincavam, mas que raramente as meninas faziam o mesmo. Seguiu-se, então, uma discussão sobre sexualidade na escola, mas que, por diversos motivos, não foi aprofundada. Limitamo-nos, nesse aspecto, na prática, a observar o recreio nas escolas de estágio e a constatar a maior naturalidade com que meninos e meninas dividem as mesmas brincadeiras.

Entretanto, nem sempre os estágios são desejados e aproveitados dessa forma. Em alguns casos, há contestação não só da potência dos ECL's, mas também da necessidade de cumpri-los.

O desafio de promover sentido para os estágios, que vai ao encontro dos professores formadores cotidianamente, não é um problema exclusivo do agora, haja vista que Pontuschka, em 1991, passava por situações parecidas:

> Há entre os alunos que nunca deram aulas um consenso do sentido de achar o estágio necessário à formação do futuro professor. Alguns, no entanto, colocam ressalvas; para eles só valerá a pena se tiverem a oportunidade de ver metodologias ou projetos inovadores, se 'coisas novas' realmente foram vistas no estágio. Outros colocam o estágio com a parte mais rica do curso de Prática de Ensino (PONTUSCHKA, 1991, p. 120).

Nessa ambivalência, os alunos se dividem entre aqueles que acreditam que os ECL's são necessários na formação docente e aqueles que os desprezam. Esse segundo grupo, em específico, Pontuschka (1991) chamou de alunos-professores, pois, nas pesquisas que realizou esses licenciandos já atuavam como professores regentes, quer seja por contratos com escolas particulares, quer seja como docentes voluntários ou contratados pelo Estado.

Um desses alunos-professores narrou suas motivações para desacreditar da potência dos ECL's em sua formação inicial:

> No meu caso particular, acho totalmente desnecessário, pois trabalho como professor de Geografia desde 1982 e como voluntário desde 1979. Não que me acho pronto e acabado como detentor de todo o saber e domínio em sala de aula, mas como estágio obrigatório no que se pretende o curso e em escola pública acho desnecessário... encaro o estágio obrigatório como camisa-de-força, expediente burocrático para conseguir um reconhecimento oficial de uma situação de fato – ser professor licenciado em Geografia como registro no MEC. Questiono se o estágio é realmente imprescindível para quem já tem ou teve experiência como professor (PONTUSCHKA, 1991, p. 119).

Além dessas questões, outros elementos se relacionam à querela dos ECL's, inclusive um deles foi supradito na citação indicada acima: *os órgãos de regulamentação dos cursos de formação de professores e as políticas curriculares para as licenciaturas*. Tecendo considerações sobre as transformações que viu os estágios passarem, Frigério (2018) remontou ao período do 3+1, momento crítico da formação de professores no Brasil que, obviamente, deteriorou os ECL's e sua potência formativa:

> O esquema conhecido como "3+1" funcionava num modelo de formação que incluía três anos iniciais para o bacharelado e, depois, um ano a mais para licenciatura. O Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931 e o Decreto-Lei 1.190, de 04 de abril de 1939, incluíam o Estágio Curricular como conclusão da licenciatura. Depois, a disciplina Didática Especial passou a ser responsável pela formação pedagógica, ao longo de um ano letivo. A organização do sistema educacional brasileiro se alterou com a promulgação da Lei 4.024/61. A partir dela, o Parecer 283/62, do Conselho Federal de Educação, tornou a Licenciatura em um grau equivalente ao

> Bacharelado, e não igual a este somado a um curso de Didática. Em seguida, o Parecer 292 / 62, do CFE, preconizou como currículo mínimo das licenciaturas, as matérias do bacharelado e mais outras disciplinas pedagógicas. Essas disciplinas deveriam somar, no mínimo, 1/8 do tempo dos cursos de licenciatura, os quais seriam organizados em oito semestres letivos, em regime de seriação (FRIGÉRIO, 2018, p. 66-67).

As políticas educacionais também condicionam o modo como os ECL's são trabalhados nos cursos de formação de professores e, por consequência, influenciam as experiências que os licenciandos têm em seus primeiros contatos com a escola.

As políticas educacionais, no que se refere à composição, organização e execução dos estágios curriculares, produzem perfis de professores porque organizam toda a estrutura educacional que os lançam e os recebem na escola. Assim, em maior ou menor grau, os sentidos atribuídos aos estágios nos cursos de licenciatura vão ao encontro do que as políticas educacionais ditam para a formação desses profissionais.

Todavia, as políticas curriculares não são determinantes absolutos na construção da subjetividade dos professores em formação e dos sentidos atribuídos aos ECL's, elas são apenas um dos elementos que dinamizam essa situação. Isto, pois, a experiência dos estágios se revela como uma disputa de sentidos, uma batalha entre os ideais que os licenciandos possuem e a realidade que encontram nas salas de aula, um verdadeiro campo de disputa, como Santos (2018, p. 221) apontou:

> Desta forma, sendo um espaço de construção de conhecimentos, o Estágio promove disputas por hegemonia discursiva no currículo dos cursos de licenciatura em Geografia, numa relação antagônica, ou seja, ele contribui para que um discurso hegemônico – que o caracteriza apenas

> como uma disciplina de empiricização pedagógica – não se constitua plenamente. Ele também desestabiliza a visão essencialista de que os componentes curriculares acadêmicos são 'mais importantes' no processo de formação docente.

Os estágios das Licenciaturas evocam as vozes de todos os atores envolvidos nessa experiência e, como disputa discursiva, põem em suspensão tudo que já foi dito sobre eles. As experiências dos ECL's se mostram como não unívocas, mas como um frenesi constante de sentidos que se enunciam e fazem referência uns aos outros:

> Ao mesmo tempo, o Estágio Supervisionado é um componente curricular articulador dos conhecimentos teóricos/acadêmicos e pedagógicos/escolares e um espaço-tempo de potencialização da práxis docente num movimento contingencial e provisório de constituição de sentidos por um sistema discursivo (SANTOS, 2018, p. 227).

Ser e estar no ECL é adentrar esse lugar conflituoso e contingente organizado pelas políticas educacionais e pelos professores formadores e, ao mesmo tempo, dinamizado e desestruturado pelo que realmente se vive na experiência de estagiar.

Por isso, por mais que ponderações sejam feitas sobre os Estágios Curriculares nas Licenciaturas, nenhuma diretriz curricular ou professoral pode determinar a experiência que se tem nos estágios, haja vista que o contingenciamento e a provisoriedade é que sustentam os sentidos dessa prática de formação.

Os estágios como zonas de fronteiras: descrições e interpretações

Levando em conta as ponderações feitas sobre os ECL's na seção anterior, nos parece necessário buscar as experiências dos estágios, haja vista que nenhuma política curricular e educacional ou condicionamento professoral pode determinar o modo como se experiencia os estágios.

As experiências dos estágios são múltiplas e extrapolam os regulamentos oficiais dos cursos de graduação. Para descrevê-las, temos que rememorá-las em sua autenticidade e plenitude, e não reduzi-las ao que os documentos oficiais esperam que ocorra nos ECL's.

Para tanto, nos ancoramos na Fenomenologia como modo de pesquisar o cotidiano. Nesse caminho, é preciso ter em mente que "[...] sobre o quotidiano é possível deitar vários olhares" (PAIS, 2003, p. 106), até porque, o cotidiano é experienciado de várias formas. A Fenomenologia, como modo de pesquisá-lo, nos proporciona "[...] um olhar mais intuitivo, mais bisbilhoteiro, mais matreiro, que se imiscuiu na multidão, escutando-a, sentindo-a. É um olhar arruadeiro ou localizado" (PAIS, 2003, p. 106).

A Fenomenologia possibilita que descubramos naquilo que desprezamos "[...] uma fonte inesgotável de riqueza. O simples é por nós tão desprezado que nem mesmo entra na conta daquilo que, ostensiva e conscientemente, desprezamos. Passa-nos despercebido. Nós o ignoramos" (FERNANDES, 2010, p. 29).

O olhar fenomenológico para os ECL's não nega o modo como os documentos oficiais e políticas educacionais e curriculares os organizam, mas transcende essas determinações legais, entendendo como os estagiários e professores experienciam, nos cotidianos das escolas, os condicionamentos históricos criados pelos

órgãos e documentos responsáveis pela organização dos estágios nos cursos de licenciatura.

Buscamos, no caminho traçado por Valladares (2009; 2015a; 2015b), possibilidades de descrição dos modos inesgotáveis e ricos de experienciarmos os ECL's na simplicidade dos cotidianos escolares.

Inspirada pelas pesquisas com os cotidianos e influenciada por Carlos Eduardo Ferraço, Nilda Alves, Regina Leite Garcia, entre tantos outros cotidianistas, a Professora Marisa Valladares se dedicou a pensar os modos simples com que estagiários e professores vivem os currículos da Educação Básica, chamando-os de *currículosvividos*.

Ao descrever as experiências do gesto de viver os currículos, a professora percebeu que os ECL's se mostravam como zonas de fronteiras:

> Valendo-me da Geografia, comparava o lugar de encontro entre escola e academia como uma zona de fronteira, marcada por um limite divisor entre ambas as instituições. Pensando-a como um lugar, considerava as diferentes nuances dos seus frequentadores como as diversas formas de relevo: depressões do 'não querer saber (em pessoas se julgam muito preparadas para o fazer pedagógico ou em pessoas profundamente desestimuladas para aprender) e arrogâncias de altitudes de um pretenso 'saber muito' (em pessoas que se julgam muito mais preparadas para o exercício docente do que outras pessoas, desprezando, por isso, novas oportunidades de aprender) (VALLADARES, 2009, p. 101).

Como zonas de fronteiras, os estágios situam diferentes territorialidades no mesmo lugar. Na mesma sala de aula se relacionam o professor regente, o estagiário, o professor supervisor do estágio e os alunos. Os estagiários, sujeitos ao saber

universitário, se dirigem à escola e negociam com os professores os conhecimentos que carregam. Nos ECL's é preciso negociar as aulas/regências, os projetos de trabalho, as metodologias de ensino e o currículo escolar. Entre tantos conflitos, os licenciandos atravessam e são atravessados por essas zonas de fronteiras. Por isso,

> [...] era possível pensar estágio supervisionado como uma zona de fronteira, como um lugar dividido por limites institucionais, às vezes difusas (como as ruas que marcam o começo e o fim de alguns países, como Paraguai e Brasil), às vezes muito visíveis (como pontes ou como postos alfandegários) que registram a existência de dois territórios (escola e academia). Avançando para além do limite de cada um dos territórios de ambas as instituições, essa zona fronteiriça funcionaria como uma área de trabalho para formação docente, para quem estivesse a se preparar academicamente para o exercício da profissão, podendo favorecer formação continuada de quem estivesse nela (professoras de escola e de estágio) buscando continuar se aprimorando (VALLADARES, 2009, p. 102).

Lançados nas zonas de fronteiras, os professores em formação inicial encontram com os professores em formação continuada. Nesse espaço de encontro, os saberes se confundem, as certezas que os licenciandos carregam da universidade são postas à prova pelos saberes dos professores das escolas. As teorias científicas, até então seguras, são contestadas pelos modos de ser das escolas de Educação Básica e postas em contingenciamento.

Na transitoriedade entre escola e universidade, os licenciandos se tornam sujeitos híbridos (BHABHA, 2005) e deixam de pertencer exclusivamente a um desses lugares para viverem o estágio enquanto zona fronteiriça, que se contrapõe ao

pertencimento absoluto e se derrete em áreas de esparrame. Essas são

> [...] zonas de fronteiras porque nelas habitam sujeitos, que mesmo tendo diferentes razões de trabalho, convivem na construção de diferentes ações e aprendizagens em conjunto. São zonas de fronteiras porque nelas ocorrem constantes trocas de conhecimentos, propiciando frequentes mudanças nos indivíduos e nos grupos, sendo, por isso, propicias à busca de novos rumos a seguir por seus transeuntes (VALLADARES, 2009, p. 106).

Como zonas de fronteiras os estágios nascem não só dos encontros entre professores em formação continuada e professores em formação inicial, mas também do conflito ocasionado pelas tentativas de negociação dos saberes que se coadunam nas áreas fronteiriças.

Os ECL's são uma questão de limite, pois, por meio deles, entre tantas coisas, podemos nos perguntar: até que ponto a universidade chega à escola? É possível os muros das escolas limitarem o acesso aos espaços escolares se os portões estão abertos? Essas e outras perguntas possíveis desvelam o potencial formativo das experiências dos estágios, haja vista que, questionar e refletir é o tensionamento necessário para a formação de professores.

As oportunidades de diálogo e atravessamento promovidas pelos encontros e desencontros nas zonas de fronteiras não se concretizam se privilegiamos os pré-conceitos que carregamos em detrimento dos saberes que cotidianamente são tecidos na escola. A porosidade que constitui as zonas de fronteiras permite os estagiários atravessarem da universidade para a escola e

desconserta concepções prévias como as de didática, ensino, método, avaliação, formação, educação e tantas outras.

A experiência dos atravessamentos dos ECL's reforça que "os cotidianos estão pulsando muito mais fortemente do que qualquer análise que façamos 'com' eles" (FERRAÇO, 2007, p. 87). Por isso, é fundamental que nos atentemos aos movimentos próprios dos cotidianos das escolas ao invés de destroçarmos suas peculiaridades para encaixá-los nos conceitos com os quais nos formamos e operamos cientificamente.

Para valorizar as experiências cotidianas dos ECL's, precisamos de um olhar mais atencioso do que diagnóstico, porque a descrição atenta e autêntica dos acontecimentos os valoriza mais do que qualquer conceito científico que busca aprisioná-los para compreendê-los dentro dos limites das definições prévias.

Valladares (2015a, p. 76), numa descrição atenta e rigorosa, esgarçou os limites das definições pré-concebidas dos estágios e nos evidenciou a experiência dos ECL's:

> A prática de ensino e o estágio curricular são *espaçostempos* capazes de ampliar e de romper limites na formação docente. A importância que exercem sobre esta formação é proporcional à intencional relação que travam sujeitos praticantes de aprendizagens. São *espaçostempos* de aprendizagem que se efetivam nas zonas de fronteiras (VALLADARES, 2009) entre teoria e prática, entre escola e academia entre a situação de estudante e a vivencia de professor. Zonas de fronteiras são lugares onde identidades se diluem e se tornam hibridas. Nas zonas de fronteiras, sujeitos se gestam, se gostam, se gastam e (de)gustam diferentes sabores de vida, em seus projetos e tentativas de humanização. Nessas zonas de fronteiras, os que por ali vivem, teimosamente presos a um território da fronteira perdem sua condição inicial de nómade ou migrante- estiveram na escola, foram a

> universidade e voltaram para a escola, não voltam mais à universidade ou, então, estiveram na escola, foram para a universidade e não querem ficar na escola. Estiveram nômades, foram migrantes, hoje são moradores antigos. Outros desejam ardentemente um dos territórios da fronteira, são 'arrivistas', repudiados pelos que ocupam fixos espaços, pois nos fazem lembrar que, um dia, também foram recém-chegados. E nós, que por ali transitamos nómades, migrantes talvez, carregados de sonhos e aprendizagens para trocas e novas invenções, tornamo-nos híbridos, porque nem somos da academia, nem somos da escola e somos de ambos porque não somos apenas professores ou apenas alunos, somos uns e somos outros, deixando de ser um ou outro ou ambos, às vezes, em nossas transgressões, em nossas resistências, em nossas teimosias e incompreensões. Somos sujeitos híbridos vivendo nossas histórias de formação que contagiam a formação de outros sujeitos - e é preciso estar atento à responsabilidade do que isto significa.

Nas zonas de fronteiras, os estagiários são esses sujeitos das idas e vindas que não se fixam em apenas um lugar, mas se constituem na transitoriedade, sendo ela uma experiência particular de cada licenciando. Ao dissolverem-se na experiência de transitar entre as fronteiras os estagiários se fazem híbridos, como Bhabha (1998, p.55) nos lembra ao dizer que "o momento híbrido tem um valor transformacional de mudança que reside na rearticulação, ou tradução, de elementos que não são nem o Um [...] nem o Outro [...], mas algo mais, que contesta os termos e territórios de ambos".

A hibridização no contexto dos estágios também se dá pelo modo de ser da fronteira que, ao invés de separar, reúne. Nas fronteiras os sujeitos estão reunidos de um lado e de outro, e é nesse encontro constante que a hibridização de ambos acontece, até porque:

> Limites são extremos que definem fronteiras. A fronteira que na Geografia separa não é suficiente para marcar só a diferença: antes, mais diz da "mesmidade", do encontro daqueles que a habitam, de um lado ou de outro, porque o marco que diz daqui ou dali é convenção, é combinado, por isso, pode ser negociado, negado, roubado, rompido. Assim, fronteiras são lugares onde se vivenciam propostas de movimentos que arrastam sujeitos de um lugar para outro. Zonas de fronteiras, então, são *espaçostempos* nos quais é possível se tornar morador, estrangeiro, nômade, transeunte... (VALLADARES, 2015b, p. 55).

Os limites que aqui colocamos em questão não são linhas rígidas que separam tudo e todos. Os extremos que definem as fronteiras são limites que abrem um lugar para o outro, apresentam dois lugares diferentes e permitem o diálogo entre ambos. Os limites são as fronteiras do próprio lugar que tanto recepcionam os transeuntes quanto se despedem deles em sua partida.

No lugar das fronteiras, há a possibilidade dos acordos e dos desacordos entre os atravessadores. É possível que, ao atravessar a fronteira, esses acordos possam ser esquecidos. Curiosamente, há aqueles que atravessam as fronteiras sem mudarem nada, dizem continuar os mesmos e não se abalam com a travessia. Por outro lado, alguns transeuntes julgam as fronteiras como o motor de sua vida, o combustível desses sujeitos é o atravessamento, seja ele de experiências, de pensamentos, de sentimentos ou de sonhos.

Os muros da escola deixam de ser paredes rígidas de concreto e passam a ser a linha de recepção, o limite poroso que demarca a travessia entre o dentro e o fora da escola. As limitações das teorias científicas encontram o limite nas salas de aula da

Educação Básica e se hibridizam, tornam-se algo que não eram antes, traduzem-se numa coisa nova (BHABHA, 1998).

As ciências ditas "duras" são amolecidas pelos tensionamentos vividos nas travessias, de fato, não é fácil transpassar tantos limites, quanto mais os dessas "zonas confusas, onde a abertura se dá a cada novo encontro. No encontro com linguagens abertas, os corpos se contaminam, contagiando-se mutuamente" (OLIVEIRA JUNIOR, 2017, p. 145). Contagiam-se todos aqueles que, no atravessar das fronteiras, se permitem ser porosos.

Com muita maestria e rigor de investigação, Valladares (2015b, p. 63) nos advertiu:

> O estágio curricular, entendido assim, propõe o abandono da marcação de territórios fixos, recriando-se como categoria espacial de passagem e de encontro. Soma-se um ainda que "entre dois", promovendo a quebra de dicotomias e hegemonias entre academia e escola, entre licenciando e professor, entre aprender e ensinar, entre formação inicial e formação no trabalho. É continuidade. O estágio curricular da licenciatura não é fronteira, ele se esparrama em zonas de fronteiras, derruba muralhas, muros, abre porteiras, pede e da passagem...
> Zonas de fronteiras permitem o fluxo de novos movimentos de novas criações. Talvez, por isso, as zonas de fronteiras não se contenham entre limites institucionais, pois esses limites se metamorfoseiam em muros que a vivência derruba ou em linhas fluidas que a experiência retorce ou ainda em tênues teias que o conhecimento rompe.

Ao romper com as fronteiras e não se exaurirem na definição de um dos dois, ou, dos dois lados dela, os estágios não se definem como exclusivos da escola ou da universidade, mas se esparramam pelas travessias dos licenciandos. Os estágios deixam de ser

possessões de apenas um lugar e se espalham por vários outros, fazem-se extensões que desvanecem limites, deslizam de si mesmos, variam de seus modos de ser e estar, ou seja, fazem-se zonas de fronteiras, transpassando os limites do próprio estágio.

À guisa de síntese

A partir das descrições e interpretações feitas nas seções anteriores, concluímos que o sentido geográfico dos Estágios Curriculares das Licenciaturas reside nas experiências de travessia das zonas de fronteiras.

Nas travessias entre as zonas de fronteiras, os estagiários são os sujeitos híbridos que são deslocados do seu lugar de origem pelo choque das fronteiras. Essas, ao contrário do que se imagina, são porosas e tênues, tão tênues que, por vezes parece que nem existem, embora sejamos tensionados por elas o tempo todo. Aliás, tensionar é a característica principal do estágio como zonas de fronteiras, porque ele nos distende e nos provoca, nos desafia a nos esparramarmos pelos muitos lugares limítrofes às travessias que fazemos.

Que é a travessia das zonas de fronteiras, senão o movimento de tensionar? As zonas de fronteiras não tensionam apenas conceitos e concepções, mas também a nós mesmos, porque somos nós que os carregamos a reboque. Tensionando-nos, elas nos põem à prova, nos impulsionam para a reflexão e, consequentemente, para a recriação de nós mesmos.

Entretanto, é preciso que nos permitamos ser atravessados e aceitemos o convite para as travessias. Para isso, é fundamental que reivindiquemos não só o cumprimento dos estágios, como preconiza os documentos e regulamentos oficiais, mas a sua

valorização que, pelas descrições e interpretações da Professora Marisa Valladares, se concretizam na valorização e reflexão sobre as experiências vividas nos muitos atravessamentos entre escola e universidade, casa e escola, profissão e vida e tantas outras fronteiras que a docência nos faz atravessar.

Referências

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1989.

FERNANDES, M. A. Consciência, vivência e vida: um percurso fenomenológico. In: *Revista de abordagem gestáltica*. v. 16, n. 1, jan/jul, 2010, p. 29-41.

FERRAÇO, C.E. Pesquisa com o cotidiano. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, n. 98, p.73-95, jan-abr. 2007.

FRIGÉRIO, R. C. *Oficinas Pedagógicas de Geografia*: Costurando narrativas de experiência da vida docente, Campinas-SP, 2018. 213f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

KENSKI, I. M. A vivência escolar dos estágios e a prática de pesquisa nos estágios supervisionados. In: PICONEZ, S. C. B. (Org.). *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. 10ed. Campinas: Papirus, 1991, v. 01, p. 39-52.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. *Encontros em zonas de fronteiras*: contaminações entre estágio supervisionado e linguagens. Teoria & Prática (Campinas), v. 35 n. 69, p. 133-147, 2017.

PAIS, J. M. *Vida Cotidiana*: Enigmas e Revelações. São Paulo: Cortez, 2003. 272p.

PICONEZ, S. C. B. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado: aproximação da realidade escolar e a prática

da reflexão. In: PICONEZ, S. C. B. (Org.). *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. 10ed.Campinas: Papirus, 1991, v. 01, p. 15-38.

PONTUSCHKA, N. N. A formação inicial do Professor de Geografia. In: PICONEZ, S. C. B. (Org.). *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. 10ed. Campinas: Papirus, 1991, v. 01, p. 101-124.

SANTOS, I. S. dos. Formação docente em Geografia: antagonismos e conhecimentos acadêmicos e escolares no Estágio Supervisionado. In: NUNES, M. D. dos. R.; SANTOS, I. S. dos.; MAIA, H. C. A. (Org.). *Geografia e Ensino*: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente. 1ed.Salvador, BA: EDUNEB, 2018, v. 1, p. 207-230.

VALLADARES, M. T. R. Narrativas como passaportes em zonas de fronteiras: Estágio Curricular em Geografia. In: Portugal, J. F.; Chaigar, V. A. M. (Org.). *Educação geográfica*: memórias, histórias de vida e narrativas docentes. 1ªed.Salvador - Bahia: EDUFBA, 2015, v.1, p. 73-96.

VALLADARES, M. T. R. Zonas de fronteiras: entre escolas e academias. In: Bezerra, A. C.; Lopes, J. J.; Fortuna, D. (Org.). *Formação de professores de Geografia*: diversidade, prática e experiência. 1ªed.Niterói - RJ: Editora da UFF, 2014, v. 1, p. 51-84.

VALLADARES, M. T. R. *Vivências em zonas de fronteiras... as narrativas se fazem travessias...* (Um estudo com narrativas e com os cotidianos no estágio curricular da licenciatura de Geografia na UFES), Vitória, 2009. 277f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espirito Santo, Centro de Educação.

Submetido em: 30 de agosto de 2021.

Devolvido para revisão em: 21 de dezembro de 2022.

Aprovado em: 09 de fevereiro de 2022.

Como citar este artigo:

AGUIAR, F. C. Estágio Curricular das licenciaturas como zonas de fronteiras: descrições e interpretações. **Terra Livre**, v. 1, n. 56, p. 307-328, Jan.-Jun./2021.